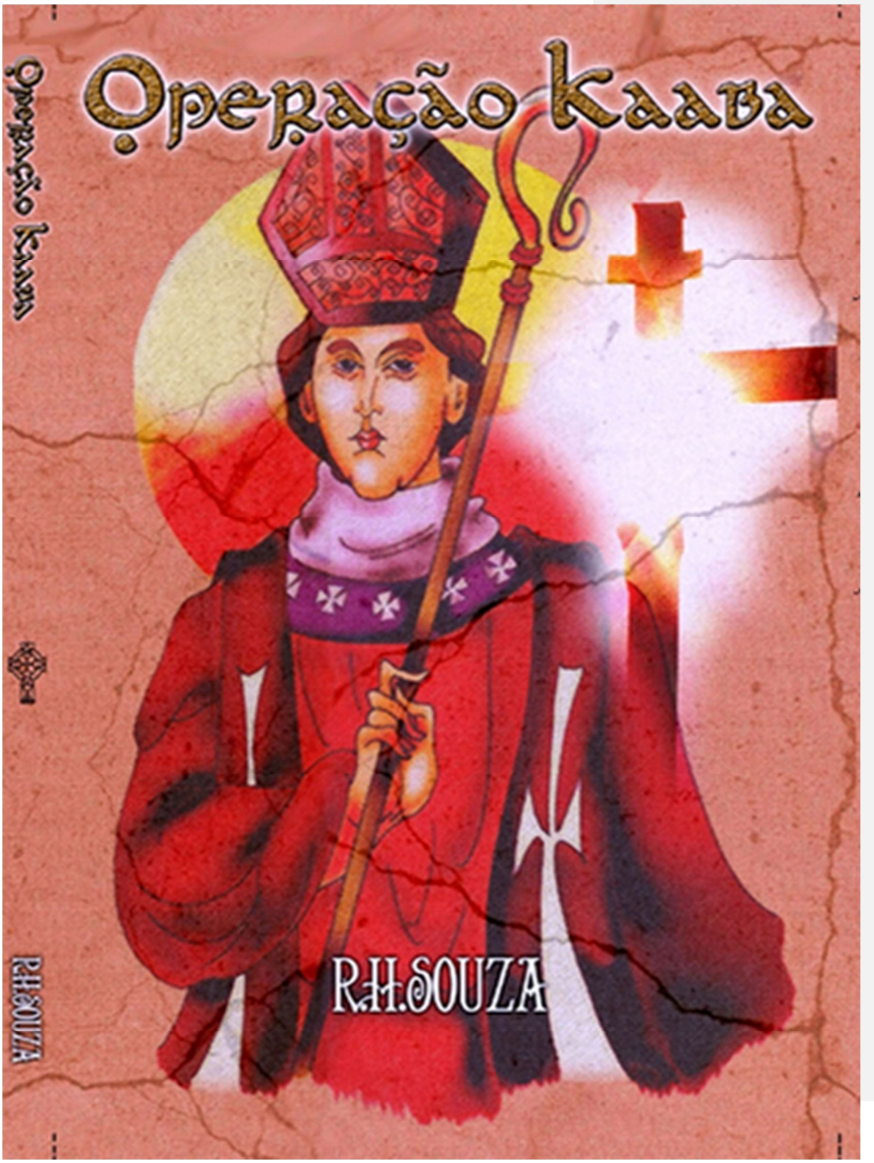

Operação Kaaba
R.H.SOUZA
Operação Kaaba
R.H.SOUZA

OPERAÇÃO KAABA

Copyright ©2021
Todos os direitos reservados a R.H. Souza

Certificado de Registro
nº 358.313
Livro: 661, folha: 473
Fundação Biblioteca Nacional
Escritório de Direitos Autorais
ISBN: 978-85-61590-52-0
Capa: Marina Pinheiro Teixeira
e João Felipe S. Requião
Revisão: Gilda Pereira Souza

O Autor

R.H. Souza, autor do livro Operação Kaaba, com 14 anos de idade, ingressou num seminário de padres franciscanos e estudou em diversos educandários da Ordem durante 11 anos, até concluir o curso de filosofia. Ao abandonar o seminário, ingressou na Faculdade Nacional de Direito (antiga Universidade do Brasil), no Rio de Janeiro, onde concluiu o curso. Durante muitos anos, trabalhou nos departamentos de marketing de empresas multinacionais, nas quais dirigiu publicações de cunho empresarial, fundando depois uma empresa de treinamento e relações corporativas, na qual escreveu centenas de trabalhos de conteúdo promocional e educativo para diversos clientes em todo o Brasil. Publicou um livro sobre vendas -*Vender é Preciso* - agora em 2ª edição. Atualmente, dedica-se à literatura, com os seguintes livros já escritos: *Menino Tropeiro*, *O Filho de Anita, Operação Kaaba* e *As Torres das Três Virtudes*

O autor tem um blog na internet, sob o título*: Scripta e Virtual,* com mais de 180 mil acessos no Brasil e em 15 países do exterior. Organizou também uma coletânea de *Expressões e Provérbios Latinos*, com 425 dos principais lemas e axiomas da língua de Cícero. Em cada item, oferece a tradução, a pronúncia e as modalidades de uso do mesmo. Esse trabalho é o resultado de sua experiência como professor de latim em cursos para os vestibulares de direito e filosofia, quando esse idioma era exigido para ta

Introdução

Na derradeira perseguição da Santa Igreja Romana estará sentado (no sólio de Pedro) Petrus Romanus, que apascentará suas ovelhas em meio a múltiplas turbulências, as quais transcorridas e a cidade das sete colinas destruída, o juiz poderoso julgará o povo". (Profecia de São Malaquias sobre o último papa da Igreja Católica).

Para escrever a eletrizante narrativa de *Operação Kaaba,* o autor *s*e inspirou nas profecias de São Malaquias, que profetizou através de curtas sentenças as características de 112 papas, a partir do ano de 1139. O último papa da lista do santo é chamado de *Petrus Romanus* e seu pontificado é definido como *in persecutione extrema* (na última perseguição). Segundo especialistas, será uma época de graves perseguições à Igreja Católica e de muitas atribulações para o condutor da barca de Pedro.

As ações de *Operação Kaaba* situam-se no ano de 2035, quando um papa brasileiro, Pedro Paulo I, ocupa a Cátedra de Pedro, no momento em que explode um grande conflito internacional entre Oriente Médio e países ocidentais. A cidade de Roma e o Vaticano são bombardeados por misseis lançados pelos chamados países da NAU (Nações Árabes Unidas). O papa é obrigado a fugir de Roma e a se refugiar no Brasil. Inicia-se, então, uma verdadeira caçada ao pontífice por um grupo de terroristas, pois os países da NAU querem transformá-lo em moeda de troca com as nações do Ocidente, participantes do conflito. Em suas ações no território brasileiro, os terroristas contam com a ajuda de uma seita de fanáticos, além de grupo de

narcotraficantes que fazem contrabando de armas para os países do Oriente Médio, que delas precisam para o desenvolvimento da guerra.

O Governo Brasileiro escolhe para refúgio do papa o Mosteiro dos Novos Templários, situado na Serra da Mantiqueira, no Estado de São Paulo. Trata-se de uma nova congregação religiosa fundada no século XXI que, além dos votos tradicionais, adota o voto de *preservação* (preservação da vida e do meio ambiente). A existência dessa congregação é o resultado de uma tendência do mundo futuro em que as questões ambientais deverão ser tratadas quase como uma *nova religião* diante dos problemas climáticos que atingirão todas as nações. Aliás, essa tendência já se iniciou com o relatório da ONU sobre o efeito estufa no clima do planeta, além da atuação de organizações que se multiplicam pelos cinco continentes na defesa da vida e da natureza.

Em *Operação Kaaba* desfilam jornalistas, policiais, traficantes de armas, terroristas, fanáticos religiosos, elementos do clero e das forças armadas e também uma bela guerrilheira, que desempenha um papel fundamental em toda a trama. E o papa oferece a própria vida para alcançar a paz entre as nações.

Prefácio

Quando Irmão Ambrósio morreu, com 80 anos, seus irmãos o sepultaram numa cova rasa no pequeno cemitério situado junto à floresta, na Serra da Mantiqueira. Tempos depois, ao arrumarem as coisas do velho monge, encontraram em sua cela um manuscrito acompanhado de uma carta, que dizia o seguinte:

Aos meus Irmãos em Cristo
do Mosteiro dos Novos Templários

"Junto com esta carta, deixo o texto que escrevi ao longo dos anos para contar a história da qual o nosso mosteiro participou em sua fase mais dolorosa. É a história dos sofrimentos pelos quais passou o Papa Pedro Paulo I, cujo nome de batismo era Juliano Monteverde, nascido na cidade de São Paulo. Ele chegou aqui acompanhado por dois agentes da Polícia Federal, numa noite de maio do ano de 2035 e aqui se escondeu por algumas semanas com seu secretário, Padre Armando Becker, cujo túmulo se encontra em nosso humilde cemitério.

Aqueles foram dias tortuosos para a Igreja e para o papa. A Providência Divina escolheu a nossa casa para ser o cenário da parte mais violenta dessa história. E eu sou testemunha de como ele suportou a terrível provação, não esmoreceu em sua fé, preocupado mais com a segurança de seu rebanho do que com a própria.

Foram tempos tumultuados pela sangrenta guerra que explodiu entre o Oriente Médio e o Ocidente. Para escrever este relato, eu acompanhei o noticiário dos jornais e das estações de TV, consultei depoimentos através da Internet, conversei com muitos daqueles que participaram dos acontecimentos, como o finado Cardeal de São Paulo, D. Fernando Nogara e também ouvi o relato de Padre Armando Becker, que descreveu todos os passos do papa, desde a saída de Roma, até chegar incógnito aqui na Mantiqueira e se asilar em nosso mosteiro. Ouvi também muita coisa da boca do próprio pontífice, que conversava

durante horas sobre sua vida pregressa, desde o tempo em que foi pároco de um bairro operário de São Paulo. Ele também me contou o sonho profético, cheio de simbolismo, que teve na véspera de ser eleito o sucessor de Pedro.

Agora, já estou velho e cansado, pronto para a derradeira viagem. Guardei este texto para ser uma espécie de testamento endereçado aos meus irmãos em Cristo, que podem publicá-lo, com o objetivo de mostrar aos homens como o egoísmo, o fanatismo e a intolerância não levam a nada. Pelo contrário, provocam choque, lágrimas e sangue. É isso o que eu pretendo demonstrar."

São Paulo, no mês de agosto
do ano de 2047
Assinado: Irmão Ambrósio
Superior do Mosteiro dos Novos Templários

Capítulo 1

Sentado em sua cabine na Corveta Independência da Marinha Brasileira, o Comandante Lacerda não tirava os olhos do grande aparelho de TV, fixo à parede em frente a sua escrivaninha. O repórter falava direto de Roma que, naquele momento, era bombardeada por mísseis procedentes de uma área do Oriente Médio. Os estragos eram assustadores. Um míssil lançado em plena Praça de São Pedro, no Vaticano, deixou incontáveis mortos e feridos e abalou as colunatas de Bernini, que circundam a praça e atingiu mesmo a janela dos aposentos papais, onde o pontífice costumava aparecer para saudar as multidões.

Os sofisticados mísseis empregados pela NAU eram de fabricação russa e lançados de barcos especiais, navegando pelo Oceano Atlântico, contando para tanto com assistência técnica fornecida pelo governo russo, com alcance extraordinário e sofisticada precisão. Além de Roma, eles também atingiam cidades do território israelense e poderiam alcançar outras capitais europeias, graças a sua avançadíssima tecnologia.

A população da Cidade Eterna procurava refúgio em túneis e abrigos antiaéreos, pois se temia a explosão de uma ogiva nuclear, ameaça feita pelo comando das Nações Árabes Unidas (NAU), que tinha declarado guerra ao chamado mundo cristão e capitalista. O locutor da TV prosseguia em seu relato dramático a toda hora entrecortado pelo fragor das explosões, desabamentos e incêndios nos diversos bairros da cidade. Segundo ele, o grande ataque pegara as autoridades italianas de surpresa.

As notícias eram contraditórias. Umas informavam que o papa teria fugido do Vaticano, avisado pelos serviços secretos ocidentais. Já outras, falavam que ele estaria escondido em lugar secreto nos Montes Apeninos, junto com membros do Governo Italiano. Corriam também boatos que o papa, antes da explosão dos mísseis, teria sido sequestrado por comandos islâmicos infiltrados no próprio Vaticano e levado para local ignorado no Oriente Médio. A preocupação com a segurança do pontífice era muito grande, pois alguns meses antes ele fizera um vigoroso

pronunciamento contra a política dos membros das Nações Árabes Unidas (NAU), que apoiavam sistematicamente atos de terrorismo em vários países, com perdas incalculáveis de vidas humanas. Tal apoio era proporcionado através de recrutamento, treinamento e financiamento de grupos para agirem em diversas frentes, atacando alvos em Israel, na Europa e Estados Unidos.

Os terroristas patrocinados pela NAU, em seus ataques, usavam armas químicas e bacteriológicas e já estariam de posse de bombas nucleares, que ameaçavam lançar sobre cidades americanas, como Nova York. O papa fizera um pronunciamento corajoso e responsabilizou os principais líderes das Nações Árabes Unidas por esses atentados. A partir desse pronunciamento, seu nome entrou para o rol dos inimigos dos povos islâmicos.

O aparelho da intercomunicação tocou na cabine do comandante Lacerda e do outro lado, mais precisamente da sala de comunicações, uma voz anunciou:

– Comandante, acabamos de fazer contato com o submarino americano. Está tudo dentro da programação. Ele vem em nossa direção e dentro de uma hora, aproximadamente, podemos fazer a abordagem.

– E o que diz o serviço de meteorologia? – perguntou o comandante.

– São ótimas as condições do tempo.

O comandante Lacerda saiu de seu camarote, ainda atordoado pelo noticiário da TV e dirigiu-se ao convés da corveta, onde um helicóptero passava por minuciosa revisão, pois dali a uma hora seria usado em missão sigilosa e muito importante para o Governo Brasileiro. O oficial examinou o tempo e ficou satisfeito, pois o céu estava claro, as ondas tranquilas, a temperatura daquela tarde de maio era amena, tudo de acordo com as previsões dos serviços meteorológicos. Olhou o cronômetro, marcando 15h e, nesse instante, chamou o oficial imediato e lhe deu as últimas instruções sobre o encontro da corveta brasileira com o submarino americano num ponto do Oceano Atlântico, a 200 milhas náuticas da costa brasileira, a partir de Porto Seguro, no litoral da Bahia.

O comandante retornou à cabine e tirou da gaveta de sua escrivaninha uma pasta onde se lia: *Estritamente Confidencial* - e releu mais uma vez as instruções que recebera, alguns dias antes, diretamente do Ministério da Defesa, depois de uma reunião no Palácio do Planalto, com o Presidente da República e da qual participaram, além do Ministro da Defesa, representantes do Ministério da Marinha, do Ministério das Relações Exteriores, juntamente com o chanceler brasileiro e o embaixador americano, em Brasília, tal a relevância do assunto em pauta. A reunião fora sigilosa e, apesar do cerco montado pela imprensa, nada transpirou. Todos os participantes saíram pelo elevador privativo do presidente, sem dar nenhuma declaração.

Diante da delicada situação internacional, os boatos pipocavam nos jornais, rádios, televisões e na *internet*. As forças armadas brasileiras estavam em estado de alerta, acompanhando o desenrolar da crise internacional.

Uma grande frota marítima aliada, formada por navios e numerosos porta-aviões, carregados com os mais modernos aviões a jato, armados com sofisticados mísseis, se dirigia ao Mar Mediterrâneo, ao Mar da Arábia, Mar Vermelho e Golfo Pérsico. Eram navios americanos, ingleses, franceses, australianos e canadenses. Modernos submarinos, armados com sofisticados mísseis de alcance intercontinental, tomavam posição em pontos estratégicos nos mares e oceanos, de onde poderiam alcançar qualquer país do Oriente Médio. Na verdade, o mundo estava às vésperas de um conflito de grandes proporções, cuja duração era difícil de se prever, tal o poder de destruição que os armamentos tinham alcançado àquela altura do século XXI.

Os diversos países árabes, envolvidos no conflito, também possuíam armamentos de elevado poder destrutivo e seus exércitos contavam com mais de dois milhões e quinhentos mil combatentes, treinados para os mais diversos tipos de combate.

Na verdade, isso era o resultado de vários anos de difícil convivência entre o Ocidente, de um lado, liderado pelos Estados Unidos e potências europeias e do outro, pelas chamadas Nações Árabes Unidas (NAU), formadas pelo Irã, Iraque, Arábia, Emirados Árabes, Líbia, Síria, além de alguns países africanos.

Todos os seus governos agiam sob a liderança de Abu al-Raschid, líder republicano da Arábia, que derrubara a monarquia saudita e se firmara como um dos grandes líderes do mundo árabe, conseguindo reunir as diversas lideranças em torno de um objetivo único: fazer frente ao Ocidente capitalista, cujo poder se enfraquecera depois de crises diplomáticas entre a União Europeia e os Estados Unidos, por causa de disputas econômicas e, principalmente, face também ao surgimento de uma nova superpotência, a China, com sua gigantesca população de mais de um bilhão e quinhentos milhões de habitantes e o maior exército do planeta. Todos esses países árabes retomavam os chamados princípios básicos do Islamismo, impondo às suas populações a moral e os costumes rígidos pregados pelo Alcorão. Também restringiam suas ligações comerciais com o Ocidente, pois tinham desenvolvido uma indústria própria, que lhes fornecia os produtos básicos para sua sobrevivência. Produtos agrícolas, como milho, soja, trigo e outros cereais, além de carne bovina e carne de frango, eles os importavam da América Latina, principalmente do Brasil e da Argentina, que se tornaram seus grandes parceiros comerciais. Armamentos modernos eram adquiridos do Ocidente via contrabando, ou comprados diretamente da Rússia e da China, agora uma superpotência, cujo desenvolvimento industrial nada ficava a dever ao dos países mais adiantados.

Os membros da NAU tinham um elo comum de união: o ódio ao Ocidente, cuja cultura era a antítese de suas crenças e tradições, fator que os dividira ao longo dos séculos, desde o ano de 1095, quando o Papa Urbano II convocara os reis e príncipes cristãos a empreenderem uma grande cruzada para libertar os lugares santos da Palestina das mãos dos muçulmanos. Iniciaram-se neste longínquo ano, os embates entre Ocidente e Oriente, entre a Cruz e o Crescente, entre os cristãos, chamados de infiéis e os seguidores do profeta Maomé.

O estopim que desencadeou o conflito entre Ocidente e Oriente Médio, foi o torpedeamento no Mar Vermelho de um navio da Arábia, por um submarino israelense, sob a alegação de que a embarcação carregava ogivas nucleares, compradas na

China, para reforçar o arsenal atômico dos países da NAU. Como resposta ao afundamento do navio, a NAU lançou mísseis contra Israel, que respondeu com a ajuda dos Estados Unidos e de outros países do Ocidente. Iniciava-se, assim, a Guerra do Oriente Médio, como ficou conhecida.

A essa altura dos acontecimentos, o Ocidente já não dependia do fornecimento de petróleo do Golfo Pérsico, pois tinha outras fontes de fornecimento, como os países do Golfo da Guiné, na África, além de outras fontes, como a Amazônia e o litoral brasileiro, onde foram feitas descobertas muito significativas. As fontes alternativas de energia também substituíam o petróleo, entre as quais o etanol, do qual o Brasil era grande produtor.

Eram 15h40 quando o Comandante Lacerda retornou ao convés e se aproximou do helicóptero, onde a tripulação formada por um piloto e copiloto, mais dois homens-rãs da marinha, já estavam a postos prontos para decolar. Os oficiais se reuniram à volta do comandante, que mandou diminuir a velocidade da corveta, enquanto perscrutava o mar com um binóculo, à espera que algo surgisse das águas.

– Mais 10min, e deveremos ter o tão esperado encontro com o submarino americano – disse ele para o oficial imediato.

– Estamos todos prontos, comandante. Os homens estão a postos. Aguardamos instruções.

– Quero avisar a todos mais uma vez: trata-se de operação absolutamente sigilosa e o Governo Brasileiro conta com a fidelidade da sua marinha de guerra. Nada do que acontecer hoje aqui poderá vazar, principalmente para a imprensa. Mesmo os familiares dos senhores não poderão tomar conhecimento de nada, absolutamente nada. Trata-se de uma missão altamente confidencial. Confirmando o compromisso, todos se perfilaram.

Às 15h50 em ponto, a uma distância de 400 metros da corveta, as águas do mar repentinamente se agitaram e a ponta de um periscópio surgiu por entre as ondas, seguida de uma grande torre e depois o casco de um gigantesco submarino nuclear. Era o *Presidente Clinton*, um dos mais modernos e mais rápidos da marinha americana.

Depois que a grande carcaça aflorou das profundezas do oceano, abriu-se a tampa da torre da embarcação. Dela surgiram vários tripulantes, que se colocaram a postos, à espera da descida do helicóptero, que deixara a corveta em direção ao convés do submarino.

Enquanto isso, um senhor de mais ou menos 60 anos de idade, chegava ao topo da escada e era ajudado por um oficial a se equilibrar na torre da embarcação. O recém-chegado trajava um terno escuro, era de estatura mediana, rosto afilado, pele morena, olhos grandes e expressivos. Seu semblante denotava cansaço e preocupação. Logo atrás dele, surgiu um homem bem mais jovem, de estatura elevada e porte atlético, um olhar decidido, cabelos louros, o que indicava descendência germânica. Colocou-se ao lado do mais velho. Ambos aguardavam a descida do helicóptero, manobra que exigia bastante perícia do piloto, enquanto o submarino ficava praticamente imobilizado. O comandante do submarino americano se despediu de maneira afetuosa dos dois passageiros e os conduziu até o helicóptero, que se ergueu lentamente e rumou em direção ao navio brasileiro. Momentos depois, o *Presidente Clinton* voltava às profundezas do oceano.

Ao descerem na corveta brasileira, os dois recém chegados foram recebidos pelo comandante com as seguintes palavras:

– Santidade, eu sou o Comandante Lacerda, da Marinha Brasileira e aqui estou, em nome do Governo Brasileiro, para lhe dar as boas vindas e a seu acompanhante.

– Agradeço pela recepção, comandante. Quero lhe apresentar Padre Armando Becker, meu secretário particular, também de nacionalidade brasileira.

Depois de saudar o secretário do papa, o comandante convidou os visitantes a passarem a tropa em revista. Em seguida, os conduziu aos aposentos a eles reservados nas dependências da corveta.

– V. Santidade – falou o comandante – está em sua casa, pois o povo brasileiro vai recebê-lo de braços abertos.

– Sinto-me feliz em retornar à minha terra – completou o papa, caminhando ao lado do comandante-, embora nas trágicas circunstâncias em que vivemos. Agradeço ao Governo Brasileiro e, especialmente, à sua Marinha pelos serviços prestados à Igreja ao trazerem o papa para um lugar seguro, no território brasileiro, longe do conflito, e de onde espero ajudar os nossos irmãos, que sofrem os tormentos da guerra.

Ao pronunciar as últimas palavras, voltou-se para a tripulação da corveta, ergueu a mão direita e traçou uma grande cruz, abençoando a todos, enquanto os raios do sol daquela tarde de maio se refletiam no metal dourado do anel do pescador.

Finalmente, ali estava S. Santidade, o Papa Pedro Paulo I, ex cardeal Juliano Monteverde, ex arcebispo de São Paulo, cuja eleição ao pontificado fora o resultado de suas excepcionais qualidades de pastor e também da projeção internacional do Brasil conquistada nos últimos dez anos, graças aos trabalhos de seus governos, que conseguiram erradicar em grande parte a pobreza de suas populações.

Depois de séculos, a prosperidade batia à porta do povo brasileiro. O país se tornara grande exportador de minérios e de produtos agrícolas, principalmente de cereais provenientes das diversas regiões brasileiras, que eram levados ao mundo através de grandes corredores de exportação, um sistema integrado do qual participavam uma grande malha ferroviária e rodoviária, em conexão com os grandes portos no litoral atlântico. A produção de grãos em 2035 alcançara cifras extraordinárias, graças, principalmente, à produção da região dos cerrados, formada por terras planas, com total acesso à mecanização e graças também ao desenvolvimento de avançadas tecnologias de plantio, adubação e correção do solo, desenvolvidas pelos técnicos brasileiros. O Brasil se tornara o maior produtor mundial de alimentos e tinha, praticamente, condição de, sozinho, alimentar o planeta. Praticava-se no país uma agricultura com total respeito ao meio ambiente e os sucessivos governos conseguiram, com ajuda internacional, conter o desmatamento, principalmente da Amazônia, cujas fabulosas riquezas agora eram exploradas com um enfoque conservacionista.

Em razão das turbulências provocadas na Europa e Oriente Médio, pela política agressiva dos países árabes, muitas corporações multinacionais deslocaram seus investimentos para a América Latina, principalmente para o Brasil e para a Argentina,

A Corveta Independência navegou durante toda a noite de volta ao litoral brasileiro, onde chegou na parte da manhã. Lançou âncoras perto da costa, à espera das ordens do alto comando naval para o translado do papa. O local escolhido para a descida do helicóptero foi uma praia deserta perto de Porto Seguro no litoral da Bahia. A operação de desembarque durou poucos minutos. O helicóptero deixou a corveta e desceu na praia, onde o pontífice e seu secretário particular, Padre Armando Becker, foram recebidos por um representante do Governo Brasileiro e por dois agentes da Polícia Federal.

Depois dos cumprimentos de praxe, Pedro Paulo I foi convidado a embarcar em outro helicóptero da marinha, este de grande porte, onde uma guarnição de fuzileiros navais fortemente armados, iria dar proteção ao pontífice na última etapa de sua jornada. O helicóptero levantou voo e partiu em alta velocidade para local ignorado. Os relógios marcavam 7h do dia 24 de maio do ano de 2035.

A operação de desembarque do papa em território nacional foi feita em total sigilo, sem o conhecimento da imprensa, pois o governo brasileiro era agora o responsável pela segurança do Pontífice, alvo de intensa caçada por parte dos governos da NAU – Nações Árabes Unidas.

Capítulo 2

Eram 11h daquela manhã do dia dez de junho do ano de 2035, quando um avião comercial, procedente da cidade de Foz do Iguaçu, aterrissava no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro. No saguão de espera estava uma jovem de 25 anos, morena, bonita, olhos amendoados, com os traços típicos de uma mulher de origem árabe. Ela aguardava no portão de desembarque a chegada de um passageiro do voo procedente de Foz do Iguaçu, cidade localizada ao Sul do Brasil.

Quando a maioria dos passageiros tinha saído, a jovem fixou os olhos num indivíduo de estatura elevada, magro, barba bem aparada, nariz adunco, óculos escuros, que dela se aproximou, empurrando um carrinho com diversas malas. Ambos trocaram saudações, embora friamente, e saíram em silêncio em direção ao estacionamento do aeroporto, onde embarcaram num carro dirigido pela jovem. Foi então que ele disse:

– Esperou muito por mim, Mara?

– Não! Cheguei há mais ou menos 15 minutos. E você está bem, Khaled ? Fez boa viagem?

– Estou bem, embora muito trabalho nos espere.

A jovem falava um português perfeito, mas o recém chegado tinha um leve sotaque árabe bem característico.

– Mas qual a missão desta vez? – indagou Mara.

– É uma missão ultrassecreta. Espero que os companheiros estejam presentes hoje à tarde, na reunião que agendei com você...

– Todos estarão presentes. Mas estou curiosa, aliás, muito curiosa com relação ao assunto dessa reunião.

– Aguarde mais algumas horas e sua curiosidade será saciada. Tem certeza que não somos seguidos?

– Absolutamente, não! Tomei todas as precauções. E a casa que aluguei na serra fica longe das vistas de curiosos. É grande, protegida por um muro bem alto. Tem boas acomodações, tem até piscina, se alguém quiser se refrescar.

– Acho que teremos pouco tempo para isso. As ordens são para entrarmos imediatamente em ação. Estamos sob as ordens diretas do Presidente Abu al-Raschid. Ele me encarregou de recrutar, pessoalmente, a equipe para essa missão.

– Por que eu também fui recrutada?

– Ora, em razão de sua experiência em missões anteriores e também por falar vários idiomas, além de seu charme e beleza, que poderão nos auxiliar em determinados eventos e circunstâncias.

O carro desceu pela estrada do aeroporto, em direção à via, conhecida como Linha Vermelha, e seguiu a pista que indicava a cidade de Petrópolis, próxima dali mais ou menos uma hora. Os passageiros do carro seguiam silenciosos, em direção à serra, enquanto Omar Khaled – esse era seu nome completo – sem dar importância à extraordinária beleza da paisagem, consultava alguns papéis que trazia numa pasta. Mara dirigia com atenção, pois a estrada era de muitas e perigosas curvas. Finalmente, Khaled rompeu o silêncio

– Na operação que em breve iniciaremos, quero você na linha de frente, Mara.

– Não se preocupe, Khaled, pois você sabe que nunca recusei uma missão por mais perigosa que fosse.

– O nosso trabalho inicial é de prospecção, com levantamentos de dados, pois temos um objetivo, mas ainda não sabemos onde ele está. Para tanto, contamos com suas ligações em Brasília.

– Quando eu souber do que se trata, poderei avaliar melhor o potencial das minhas ligações.

– Por enquanto só posso lhe adiantar que se trata de missão de caráter internacional, a mais importante confiada ao nosso grupo que, certamente, acarretará muitos perigos. Confiamos na garra e no treinamento a que todos foram submetidos, sem falarmos das experiências passadas. Como já disse, fomos escolhidos para essa missão pelo Presidente Abu al-Raschid em pessoa. Ele me ligou ainda ontem, diretamente da cidade de Riad para transmitir todas as instruções.

– Se o próprio presidente lhe confiou essa missão é porque deve ser muito importante mesmo.

– Logo mais, você saberá de todos os detalhes.

O veículo chegou ao alto da serra, entrou pela Av. D. Pedro I, a artéria principal da cidade de Petrópolis, percorreu-a até o final, depois dobrou à direita, entrando por um caminho íngreme que levava a um platô, no meio da elevação, onde se destacava uma casa grande, com dois andares, toda de pedra, cercada por grandes árvores e um muro bem alto. Mara acionou o controle remoto e abriu o portão que dava acesso ao imóvel. Não havia ninguém a esperá-los. Estacionou nos fundos e enquanto o companheiro tirava as malas, ela abriu a porta lateral e entrou no recinto. Logo atrás, veio Khaled, que examinou com atenção todos os cômodos, levantou as cortinas e olhou para fora. Subiu ao segundo andar e o examinou detalhadamente. Voltou ao primeiro andar e saiu pela porta dos fundos onde havia um pequeno quintal, subiu num banco de pedra e olhou por sobre o muro a paisagem ao redor, toda cercada de floresta. Depois, entrou novamente na casa e falou:

– Mara, está tudo bem. Não temos vizinhos e tudo indica que teremos privacidade suficiente para realizar um bom trabalho.

– Já escolhi as acomodações para todos. Você ficará no quarto grande, no segundo andar, à direita. Lá tem mais dois quartos, onde dormirão os dois agentes da equipe. Eu ficarei no quarto, no primeiro andar. As reuniões poderão ser realizadas no salão, em cima, que me parece mais reservado e onde temos cum grande aparelho de TV, no qual podemos assistir aos noticiários. Lá estão instalados computadores que nos ligam à *internet* e aparelhos telefônicos.

– Sim, isso é importante! Devemos acompanhar todos os noticiários, principalmente das estações brasileiras, pois através deles poderemos ter alguma pista.

– Você me deixa cada vez mais curiosa...

– Espere mais um pouco e saberá de tudo.

Mara se dirigiu à cozinha, onde preparou uma refeição rápida à base de alimentos congelados. A geladeira estava cheia,

o que indicava uma longa permanência do grupo no local. Comeram em silêncio, que foi interrompido por Khaled.

– Onde você conseguiu esta magnífica casa?

– Aluguei-a de uma empresa imobiliária no Rio de Janeiro. Estava vazia há muito tempo, pois geralmente só é alugada para temporada, no verão. O aluguel foi até barato.

– Nós não temos problema de dinheiro. Não será por isso que a missão irá fracassar.

– Ótimo!...

– Não perguntaram para quem era a residência?

– Eu me adiantei e disse que "meu marido" estava muito doente do pulmão e ficaria uns seis meses aqui na serra, cujo ar puro lhe faria bem. Disse que ele era um empresário de São Paulo e que daqui iria dirigir a empresa – negócios de importação e exportação – razão pela qual teríamos visitas frequentes de funcionários em busca de orientação. Por essa razão, precisávamos de uma casa bem grande. Acreditaram e paguei, antecipadamente, três meses de aluguel.

– Sei que você é muito esperta, mas quem está fazendo o papel de seu "marido" nessa história?

– Não sei, pode ser qualquer um, até mesmo você.

– Quem sabe, talvez um dia... De qualquer maneira me sinto muito honrado, mas você sabe que amor, sexo, prazer são coisas que não constam do nosso dicionário. Somos inteiramente devotados à causa. Fomos escolhidos por Alá e devemos estar orgulhosos por estarmos a serviço do Islã, pelo qual devemos dar a própria vida, se necessário. Foi o que me disse o Presidente Abu al-Raschid ao me convocar para chefiar a operação, da qual você é a única mulher participante, face à sua experiência, embora sempre relutemos em convocar mulheres para esse tipo de missão.

Enquanto Mara arrumava as coisas na cozinha, Khaled carregou as malas até ao segundo andar, acomodando-se no quarto a ele destinado. Preparou todo o material para a reunião a se realizar mais tarde e da qual mais dois elementos de seu grupo deveriam participar.

Por volta das 17h chegou um carro à casa de pedra, com dois passageiros. Eram jovens bem vestidos, de estatura mediana, pele morena, musculatura desenvolvida. Eles foram recebidos cordialmente por Mara. Ambos, embora descendentes de famílias árabes, tinham nascido no Brasil, próximo à cidade de Foz do Iguaçu e, por essa razão, tinham nomes brasileiros. Quem estava ao volante era Ricardo Fuad e seu companheiro era Flávio Abdel Aziz. Há muito tempo tinham sido recrutados e treinados para missões terroristas e viveram por longos períodos em diversos países do Oriente Médio.

Os jovens desceram do carro e entraram na casa. Mara os conduziu até os aposentos para eles reservados no segundo andar. Ambos portavam diversas valises, que abriram, tirando as roupas para colocá-las nos respectivos armários, enquanto a jovem se retirava para o primeiro andar. Além de roupas, eles traziam pistolas automáticas e metralhadoras portáteis e muita munição. Essas armas, somadas às trazidas por Mara, formavam um pequeno arsenal, indicando uma operação de grande porte e de longa duração. O grupo dispunha até de um lança-míssil portátil, que vinha todo desmontado numa pequena maleta.

Depois de se acomodarem em seus respectivos aposentos, os dois jovens desceram até a cozinha, onde um lanche lhes foi servido pela anfitriã. Em seguida, reuniram-se com ela à volta de uma grande mesa, no segundo andar, enquanto aguardavam que o comandante da operação, Omar Khaled, saísse de seu quarto.

Os semblantes de todos indicavam muita expectativa. Afinal, foram convocados para uma missão ultrassecreta, mas não sabiam absolutamente do que se tratava. Anteriormente, já haviam participado de outras operações e os três, sob o comando de Omar Khaled, eram considerados a elite do terrorismo internacional. Eles participaram de explosões de prédios em Londres, de atentados no Estado de Israel, libertaram companheiros presos nos Estados Unidos. Receberam treinamento no Irã e na Arábia e tinham como mestres alguns sucessores do antigo terrorista Osama bin Laden, chefe da organização al-Qaeda, que tanto trabalho dera ao Ocidente no início do século,

ao explodir as famosas torres gêmeas em Nova York e parte do prédio do Pentágono em Washington. Foi no dia 11 de setembro do ano de 2003, o *dies ater* (dia negro) dos americanos, como teria sido designado pelos antigos romanos.

Os jovens terroristas falavam diversos idiomas e possuíam um quociente de inteligência considerado bem acima do normal. Entre os idiomas que falavam, estavam o espanhol e o português, face à importância que os países da América Latina tinham adquirido no último decênio, com destaque para o Brasil. Omar Khaled, nascido na Arábia, era o líder, pois se destacava como um grande estrategista de ações terroristas.

Eram 18h quando o comandante do grupo, depois de dar alguns telefonemas, saiu de seu quarto e se dirigiu à sala de reuniões, onde cumprimentou com um aperto de mão os dois recém-chegados, chamando cada um pelo nome. Depois, sentou-se à cabeceira da mesa e iniciou a conversa:

– Vamos acabar com os segredos, amigos, e ir direto ao assunto. Neste momento, declaro o início da *Operação Kaaba*, que tem por objetivo silenciar um dos maiores, senão o maior símbolo do Ocidente, o representante máximo dos infiéis. A missão a nós confiada pelo Presidente Abu al-Raschid é sequestrar o papa, sua santidade Pedro Paulo I.

Todos os presentes se entreolharam espantados. Omar Kahled fez uma pausa, enquanto saboreava o impacto de suas palavras sobre a pequena plateia. Em seguida, continuou:

– Sim, o objetivo é sequestrar o papa. E vocês talvez me perguntem o motivo e eu direi. Estamos em guerra com o Ocidente, principalmente com a Europa e os Estados Unidos, o grande Satã. E o papa é o principal símbolo dos cristãos. Ele tem feito declarações contundentes contra as Nações Árabes Unidas, hoje a maior força do Islã. Ele se tornou o líder de um grande complô internacional contra os nossos países, é visceralmente contra os nossos modos de vida e métodos de trabalho, defende uma política abertamente favorável ao Estado de Israel, hoje um país com relações estreitas com o Vaticano. Vocês sabem muito bem que uma fração significativa dos judeus já aceita a figura de Jesus de Nazaré como o Messias prometido. Eles são vinho da

mesma pipa, rezam pela mesma bíblia e se unem quando se trata de combater os povos islâmicos.

– Por que Operação Kaaba ? – perguntou Mara.

– Como boa seguidora de Alá, você sabe que a Kaaba é um dos nossos maiores símbolos. Inicialmente, era uma pedra alva e imaculada, depois enegrecida pelos pecados dos homens. Daí, o nome Kaaba – pedra negra. Operação Kaaba é uma homenagem ao santuário de Meca, que atrai milhões de fiéis islâmicos para adorar a pedra que nos foi enviada por Alá, pelas mãos do Patriarca Abraão.

– Mas onde está o papa? – perguntou Abdel.

– Ainda não sabemos e é para isso que estamos aqui. Depois do bombardeio de Roma, feito pelos nossos mísseis, ele foi resgatado por um comando americano e embarcado num submarino nuclear, que navegou em direção ao Atlântico. A seguir, foi transferido para um navio, provavelmente da marinha brasileira, que se dirigiu ao litoral do Nordeste. A partir desse momento, não temos mais informações. É só isso o que sabemos. Mas como o papa é brasileiro, os nossos agentes acham que ele deve estar no Brasil, possivelmente nas Regiões Sudeste ou Nordeste, onde seria mais fácil escondê-lo e defendê-lo. O Presidente Abu al-Raschid emitiu uma ordem para caçá-lo onde quer que esteja e considera sua prisão ponto de honra para a causa islâmica.

– Mas como achar o papa num país imenso, com mais de oito milhões de quilômetros quadrados? – perguntou Ricardo Fuad.

– Se fosse fácil, vocês não seriam os escolhidos. Inicialmente, faremos um trabalho de prospecção. Mara seguirá para Brasília, onde tem alguns contatos no Ministério das Relações Exteriores. Você, Fuad, seguirá para São Paulo e Abdel ficará no Rio de Janeiro. Eu ficarei aqui, onde estará o nosso quartel general. Receberei todas as informações e as passarei para vocês onde quer que se encontrem. Se Mara não conseguir nenhuma pista em Brasília, irá em seguida para São Paulo onde trabalhará junto com Ricardo Fuad.

Depois das instruções gerais, Omar Kahled exibiu um documentário sobre a vida do papa, no qual o mostrava em solenidades no Vaticano e em visitas a diversos países do mundo cristão. Simulações feitas em computador indicavam que aparência o pontífice poderia apresentar, usando disfarces. Cópias dessas simulações foram entregues aos presentes, bem como um longo dossiê sobre as relações de Juliano Monteverde desde os tempos em que fora Cardeal Arcebispo de São Paulo, até aquela data. O texto falava de suas relações com prelados brasileiros, com políticos, empresários, líderes católicos e membros de outras religiões, com as quais sempre procurou manter um bom relacionamento. Juliano Monteverde era adepto entusiasta do ecumenismo, iniciado por seus antecessores, principalmente por João Paulo II, que governou a Igreja na virada do segundo para o terceiro milênio.

Em resumo, era isso o que dizia o texto fornecido pelo líder terrorista. O dossiê informava que o cardeal era amigo de rabinos e pastores, mas chamava a atenção para o fato de o papa ter também inimigos no Brasil. Citava os membros da seita Legionários do Nazareno, constituída por grupos de fanáticos, que tinham como mandamento número um, a defesa da moral e dos bons costumes. Eles formavam uma espécie de força paramilitar e atacavam até fisicamente aqueles que não estivessem de acordo com seus princípios. As atrizes que posavam nuas para revistas masculinas ou aquelas que apareciam nuas na *internet*, eles as chamavam de prostitutas virtuais e achavam que deviam ser punidas com rigor. Depredavam boates, atacavam bancas de jornais e revistas que expunham material por eles chamados de pornográfico. No litoral de Santa Catarina, atacaram uma praia de nudistas e o saldo foi um morto e muitos feridos entre os frequentadores da mesma. O papa, quando cardeal de São Paulo, condenou com veemência as atitudes dos Legionários do Nazareno e eles passaram a chamá-lo de representante do Diabo, bem como a outros membros do clero, que se opunham a tais métodos. O dossiê informava sobre a possibilidade de a Operação Kaaba contar com o auxílio dos

legionários na caçada ao pontífice em território brasileiro, o que certamente daria maior velocidade à missão.

– Se descobrimos o esconderijo do papa – perguntou Mara – como iremos atacá-lo? Ele certamente estará protegido por um forte esquema de segurança.

– Nesse momento, nós contaremos com reforços de pessoal e equipamentos que virão de nossas bases na Tríplice Fronteira formada pelo Brasil, Paraguai e Argentina, cujo comando está localizado em Foz do Iguaçu, no Brasil. O ataque final não pode falhar, sob pena de comprometermos a causa islâmica no mundo inteiro. A Operação Kaaba se desenvolverá em três etapas: a primeira é de prospecção, para localização do esconderijo do papa. A segunda etapa é a formação de um comando fortemente armado e treinado para o ataque. Finalmente, a terceira etapa será o ataque, com o sequestro do pontífice e a retirada dos guerrilheiros em segurança para suas bases e a volta da maioria para suas casas, pois imaginem a caçada que sofreremos, se bem sucedidos. E fracasso, vocês sabem, é palavra que não existe para um guerrilheiro islâmico.

– Como você sabe, eu tenho uma amiga em Brasília, de nome Lúcia, que é casada com um diplomata do Itamaraty – falou Mara. – Eu a conheci há alguns anos atrás quando seu marido era o embaixador na embaixada brasileira no Irã. Lúcia não sabe das minhas atuais atividades. Poderei fazer contato com ela, pois me deve alguns favores daqueles tempos, quando eu tinha a função de intérprete na chancelaria iraniana.

– Pode ser um bom começo. Use sua intuição feminina e procure levantar o máximo de informações que nos auxilie nessa gigantesca tarefa.

– E se a guerra se prolongar –, falou Ricardo Fuad – não corremos o risco de perder os nossos contatos no Oriente Médio, principalmente na Arábia?

– Sim, corremos, mas a missão continuará. Recursos não nos faltarão, pois temos uma soma considerável depositada em bancos de Foz do Iguaçu, onde contamos também com o apoio de patrícios, que defendem a mesma causa. Ali, teremos também a ajuda de importantes traficantes de drogas e armas que fazem